

Quando não prevenimos o óbvio, erramos na previsão

Eurico Penteado

Em recente artigo para "O Globo", do Rio (30 de março), Eugênio Gudin, esse incansável batalhador, altamente respeitável e respeitado por suas realizações e sua vasta cultura, usou como epígrafe uma esquecida mas oportuníssima observação de Campos Salles em seu livro "Da Propaganda à Presidência": "Este país só precisa de Administração".

O conceito é precioso porque, se já era adequado ao tempo em que o formulou o segundo presidente civil e paulista desta nossa república — que era então federativa e hoje não é, embora lhe conserve o rótulo —, nos dias que correm tal conceito descreve, com fidelidade fotográfica, a situação nacional.

Afinal, no decurso de nossa história relativamente curta, já merecemos, de grandes personalidades estrangeiras, diversas e variadas qualificações. Para Agassiz, um geólogo suíço, que nos visitou demoradamente há mais de cem anos, éramos (segundo frase que lhe foi atribuída, não sabemos com que fundamento) "um país onde tudo é grande, menos o homem". Para Campos Salles, como acima foi mencionado, ao redor da primeira década deste século éramos um país mal administrado. Para Stefan Zweig, por volta de 1940, éramos "o país do futuro". E, muito mais recentemente, para o general de Gaulle, não éramos um país sério, o que equivale a dizer que somos um país velhaco.

Temos a impressão de que, se fizéssemos uma combinação, ou um "blend", entre Agassiz e Campos Salles, e disséssemos que o "Brasil é um país onde tudo é grande, menos a

Administração", talvez nos acercássemos razoavelmente desse arisco objetivo, que é a verdade.

Realmente o Brasil é um país cheio de contradições. Com um potencial agropecuário que lhe possibilita ser um dos celeiros do mundo (graças a condições privilegiadas, de abundância de terras férteis, amenidade do clima e profusão de braço agrícola), precisamos, freqüentemente, importar arroz, feijão, milho, carne e leite. Nossa produtividade, em qualquer desses setores, é uma das mais baixas do mundo, deixando-nos a perder de vista dos Estados Unidos, da Alemanha Ocidental, da França, dos países escandinavos, da Argentina e de outros países.

Alegar, como explicação a essa deficiência, que nossa gente é menos dinâmica em virtude de um padrão de vida mais baixo, parece de todo improcedente. No próprio setor agrícola, a cultura da soja, em São Paulo e na região Sul do País, mostra que podemos ombrear com as mais altas produtividades conhecidas, que são as dos Estados Unidos e do Canadá.

Por outro lado, o surto surpreendente de nossas indústrias mostra que somos, ou, talvez mais precisamente, que podemos ser tão eficientes quanto os que mais o sejam.

Assim, pois, temos relativo malogro de nossa agricultura — que ou produz pouco ou, quando aumenta suas safras, perde boa parte delas, por falta de transporte e condições deploráveis de armazenamento.

Tais condições, que são do conhecimento de quem quer que as queira conhecer, mostram que é contundentemente verdadeiro o conceito de Campos Salles: "Este país só precisa de Administração". E temos diariamente — pelos jornais, pelo rádio e pela TV — não indícios claros mas provas irrefutáveis de que assim é.

Nossos ministros de Estado e outros membros da alta administração do País (com as exceções de sempre, honrosas mas bastante raras) porfiam em fazer previsões, mas, invariavelmente, ou prevêem o óbvio — o que é seguro, mas desnecessário — ou prognosticam erradamente, o que desorienta os homens de negócios e desgasta a imagem do governo perante a opinião pública.

Um exemplo da primeira modalidade — a previsão do óbvio — nos foi dado a 19 de março pelo ministro da Fazenda, em seu depoimento perante a CPI da Câmara dos Deputados: "Galvêas na Câmara: inflação será alta nos próximos meses" (título da reportagem de "O

Globo", 20 de março, sobre a citada reunião da CPI). Com essa "revelação" o titular da Fazenda não se alienou como oráculo.

Quanto a previsões errôneas, ou seja, desmentidas pelos fatos, a messe é tão superabundante que somente as da Secretaria (ou superministério) do Planejamento dariam pano para pôr mangas em todas as opas do Brasil.

Somente em princípios de 1980 tivemos três: a) "A inflação em 1980 não irá além de 45%". Foi a 110,2%. b) "É líquido e certo que se cortaram as causas fundamentais da inflação. Pode demorar três ou quatro meses, mas ela vai baixar mesmo" ("Exame", janeiro de 1980). c) "A inflação vai

cair no segundo semestre (...) temos muita chance de chegar ao fim do ano com inflação em torno de 50% ("O Estado de S. Paulo", 16 de abril, 1980). A inflação era de 81,7% a esse tempo, e foi de 83,8% em março; de 99,2% em junho; de 104,4% em setembro e de 110,2% em dezembro.

Dizem os americanos que todos temos o direito de errar uma vez: "Everyone is entitled to one mistake". Parece que somos muito mais liberais.

E outro aspecto muito sério dessa incontinência verbal de alguns de nossos ministros é a impressão que ela produz no exterior. Ainda em sua edição de 13 de fevereiro uma publicação

londrina sobre a América Latina ("Weekly Report", edição castelhana) comentava a situação econômico-financeira do Brasil em artigo de uma página, sob este título: "Os banqueiros (internacionais) e o aprendiz de feiticeiro" ("La banca y el aprendiz de brujo"). O que não é lisonjeiro.

Agora, vemos notícias de "Queda na produção", "Ociosidade e demissões" e "Vendas em declínio" ("O Globo", 31 de março), indícios claros de recessão. Mas o mesmo jornal, em 7 de janeiro, mancheteava em seis colunas: "Delfim: Não há hipótese de recessão em 1981". É claro que podemos chamá-la "desaquecimento", mas a mudança de rótulo não altera a situação.

